

NA PONTA DA LÍNGUA

1. *Estrangeirismos — guerras em torno da língua*
Carlos Alberto Faraco [org.]
2. *Língua materna — letramento, variação e ensino*
Marcos Bagno, Michael Stubbs & Gilles Gagné
3. *História concisa da linguística*, Barbara Weedwood
4. *Sociolinguística — uma introdução crítica*, Louis-Jean Calvet
5. *História concisa da escrita*, Charles Higounet
6. *Para entender a linguística — epistemologia elementar de uma disciplina*
Robert Martin
7. *Introdução aos estudos culturais*, Armand Mattelart, Érik Neveu
8. *A pragmática*, Françoise Armengaud
9. *História concisa da semiótica*, Anne Hénault
10. *História concisa da semântica*, Irène Tamba
11. *Linguística computacional — teoria & prática*
Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi
12. *Linguística histórica — Uma introdução ao estudo da história das línguas*
Carlos Alberto Faraco
13. *Lutar com palavras — coesão e coerência*, Irandé Antunes
14. *Análise do discurso — História e práticas*, Francine Mazière
15. *Mas o que é mesmo “gramática”?*, Carlos Franchi
16. *Análise da conversação: princípios e métodos*
Catherine Kerbrat-Orecchioni
17. *As políticas linguísticas*, Louis-Jean Calvet
18. *Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso*
Carlos Alberto Faraco, Maria do Rosário Gregolin, Gilvan Müller de Oliveira, Telma Gimenez, Luiz Carlos Travaglia
19. *Relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino*
Luiz Percival Leme Britto, Marcos Bagno, Neiva Maria Jung, Esméria de Lourdes Saveli, Maria Marta Furlanetto
20. *Todo mundo devia escrever*, Georges Picard
21. *A argumentação*, Christian Plantin
22. *Tradição oral & tradição escrita*, Louis-Jean Calvet
23. *Tradução — história, teorias e métodos*, Michaël Oustinoff

Charles Higounet

história concisa da ESCRITA



TRADUÇÃO
Marcos Marcionilo

Parábola

Para a publicação brasileira se fizeram necessárias pequeníssimas atualizações, especialmente estatísticas, ao passo que as posições teóricas do Autor e aquilo que se pode classificar como limitações de sua circunstância foram mantidas, uma vez que não poderíamos esperar que um texto de 1955, reelido pela décima vez em 1997, estivesse isento das marcas de seu tempo. Essas próprias limitações podem ser consideradas marcas do tempo na história da escrita. O que importa é que o encadeamento histórico e as questões de base postas por Higounet permanecem rigorosamente válidos para o ensino e para a reflexão e podem alimentar o projeto de difusão do conhecimento que anima todas as nossas iniciativas.

CAPÍTULO I

**A ESCRITA, EXPRESSÃO
GRÁFICA DA LINGUAGEM**

Escrita e civilização

Segundo a definição de um de nossos mais eruditos mestres, a escrita é, acima de tudo, “um procedimento do qual atualmente nos servimos para imobilizar, para fixar a linguagem articulada, por essência fugidia”. Diante de sua necessidade de um meio de expressão permanente, o homem primitivo recorreu a engenhosos arranjos de objetos simbólicos ou a sinais materiais, nós, entalhes, desenhos. Em nossos dias, a reprodução em disco ou fita magnética, outro procedimento de fixação da linguagem, mais direto que a escrita, começa a concorrer com ela.

Contudo, a escrita é mais que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Os mais simples traços desenhados pelo homem em pedra

ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo momento o pensamento humano. Para além de modo de imobilização da linguagem, a escrita é uma nova linguagem, muda certamente, mas, segundo a expressão de L. Febvre, “centuplicada”, que disciplina o pensamento e, ao transcrevê-lo, o organiza.

A escrita faz de tal modo parte de nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. Talvez venha o dia de uma terceira era que será: depois da escrita. Vivemos os séculos da civilização escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se sobre o escrito. A lei escrita substituiu a lei oral, o contrato escrito substituiu a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E sobretudo não existe história que não se funde sobre textos.

Desse modo, a escrita é não apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É o fato social que está na própria base de nossa civilização. Por isso a história da escrita se identifica com a história dos avanços do espírito humano.

Não há dúvida de que é preciso chegar a essas definições para dar à ciência das escritas o lugar

que ela merece no conjunto das ciências históricas, mesmo que se queira ver nela apenas, como será nosso propósito, o estudo de uma técnica.

Escrita e linguagem

Para que haja escrita, “é preciso inicialmente um conjunto de sinais que possua um sentido estabelecido de antemão por uma comunidade social e que seja por ela utilizado” e “em seguida é preciso que esses sinais permitam gravar e reproduzir uma frase falada” (J. Février). A aquisição desse simbolismo e desse esquematismo se faz por séries de desenvolvimentos mais ou menos lentos e acabados segundo a mentalidade e a língua das sociedades em que são operados. Conservando apenas as grandes linhas, podemos distinguir, porém, entre as tentativas primitivas e nosso sistema alfabético, três etapas essenciais: escritas sintéticas, analíticas e fonéticas.

A humanidade primitiva utilizou esses meios de expressão momentânea que ainda subsistem entre alguns povos: o tambor utilizado na África Ocidental e na Melanésia para transmitir notícias rapidamente em código sonoro, ou a linguagem dos gestos e das mãos que subsiste entre os índios da América do Norte e os chineses. Esses gestos de mão por vezes forneceram modelos para os sinais ideográficos da escrita. A disposição ou o envio de objetos, grãos,

tochas, penas ou flechas também se tornaram meios de expressão simbólica e o são até hoje na Malásia ou na África central. A utilização de cordinhas com nós e de bastões com entalhes para o cálculo, a cronologia e a transmissão de notícias representa um progresso em relação a esses meios primitivos. Os *quippus* dos incas do Peru eram cordinhas com fios de cores diferentes e nós que serviam para fazer contas. Todas as civilizações primitivas, da Escandinávia antiga até a Austrália, também utilizaram os bastões entalhados como mensagem ou como meio mnemotécnico.

No entanto, mesmo que isso tudo dê testemunho dos esforços para conservar ou comunicar alguns elementos da palavra ou do pensamento, só chegaremos realmente ao estágio embrionário da escrita com as primeiras tentativas de representação gráfica. Os desenhos mágicos das grutas da época aurignaciana e madaleniana que representam animais atingidos por flechas ou marcados por manchas de sangue contêm em germe “algo que se assemelha a rudimentos de escrita; eles exprimem, se não uma ideia, pelo menos um desejo”. As pinturas rupestres de sítios pré-históricos da Península Ibérica mostram de era em era uma estilização que também faz pensar em uma evolução rumo à escrita. Os desenhos incisos em pedra, os chamados petroglifos, encontráveis um pouco por toda parte, da Europa às ilhas do Pacífico, também prepararam, por sua

simbologia ritual (árvores, animais, rodas, cruzeiros, sinais geométricos), a eclosão da escrita sintética.

A mentalidade do primitivo não lhe permite desenvolver a decomposição da frase, que postula a reprodução gráfica, para além da sucessão de ideias que ela contém. Por isso o estágio mais elementar da escrita é aquele em que um sinal ou um grupo de sinais serviu para sugerir uma frase inteira ou as ideias contidas numa frase. São esboços desse tipo que são chamados de escritas sintéticas ou ainda, segundo o termo alemão, *Ideenschrift*, escrita de ideias. Como o número desses sinais é limitado, enquanto o das ideias e das frases é infinito, a leitura dessas escritas depende a maior parte do tempo de rébus*.

Os indígenas da Sibéria oriental e do Alasca, os esquimós e os índios da América do Norte empregaram até muito recentemente esse sistema de notação por imagens. As faixas (*wampuns*) dos iroqueses e dos algonquinos, com suas figuras tecidas e suas conchas coloridas, e os *winter counts* desenhados sobre couro de bisão pelos dacotas também conservam curiosos exemplos desse sistema. As antigas escritas da América Central, maia e asteca, estão muito próximas desse estágio da ideografia.

* Chama-se rébus a tentativa de representação dos sons da língua, sobretudo sílabas, por meio de figuras cujos nomes tenham esses sons e cuja combinação possa representar uma palavra. Por exemplo, o desenho de um sol e o desenho de um dado para representar a palavra *soldado* [n. do T.].

Um progresso incalculável se deu quando se atingiu a decomposição da frase em seus elementos, as palavras. Doravante cada sinal passou a servir para notar uma palavra. A passagem da escrita sintética para essa nova notação deve ter sido bastante complicada, pois é bastante difícil isolar a palavra falada da frase; mas foi exatamente nesse estágio que a escrita nasceu. Como saber qual foi a primeira língua na qual essa transformação se deu? Veremos que as escritas suméria, egípcia e chinesa são as mais antigas que conhecemos na categoria das escritas ditas analíticas ou *Wortschrift*, ou seja, escrita de palavras.

Da notação das palavras, o homem enfim passou à notação dos sons. Seja de sinais ou de palavras, isso realmente supõe um considerável estoque de sinais e, conseqüentemente, uma imensa memória visual para a leitura. Se fizermos a notação apenas dos elementos fonéticos que constituem as palavras, obteremos um material gráfico infinitamente mais restrito. Chegamos então às escritas fonéticas. A escrita fonética é silábica ou alfabética, de acordo com o grau de trabalho da análise que essa nova evolução implica. Há poucos exemplos de escritas puramente silábicas, mas o silabismo existia entre as populações sírias e mediterrâneas desde o segundo milênio antes de nossa era. A distinção entre consoantes e vogais dentro das sílabas e a notação de cada consoante por um

sinal distinto levaram, depois de muitas tentativas, ao alfabeto consonantal fenício de meados do segundo milênio, o ancestral de todos os alfabetos verdadeiros, especialmente do nosso, por meio do alfabeto grego.

Nesta *História concisa da escrita*, distinguiremos apenas os dois grandes sistemas não alfabéticos e alfabéticos, reservando lugar de destaque, entre os sistemas alfabéticos, à escrita latina, que se tornou o instrumento definitivo do pensamento ocidental e o meio de expressão por excelência do mundo moderno.

Materiais e caracteres das escritas

Do ponto de vista material, toda escrita é traçada sobre um suporte ou, como se diz, sobre um registro “material subjetivo”, com auxílio de um instrumento manejado mais ou menos habilmente por um gravador ou por um escriba, seja fazendo incisões, com um estilete, seja com um produto colorante. Segundo esse ponto de vista, toda escrita apresenta uma série de caracteres que lhe são próprios e que pertencem ao grupo social, à língua e à época da qual ela é expressão, mas também ao registro material subjetivo, à natureza do instrumento, à mão e aos hábitos do escriba. Antes de entrar no estudo das diferentes escritas históricas e atuais, é preciso conhecer esses materiais, esses

instrumentos e esses gestos, cuja influência sobre o desenho das letras não se pode negligenciar, e definir as noções relativas aos caracteres dessas escritas.

Outrora, numerosas substâncias serviram de suporte às escritas e são ainda empregadas em situações excepcionais. Matérias duras como a pedra, a ardósia, os tijolos, os cacos de cerâmica, o mármore, o osso, o vidro, o ferro, o bronze e outros metais trazem as tradicionalmente chamadas inscrições.

A pedra sempre foi o suporte por excelência das escritas monumentais. Os hieróglifos egípcios, as inscrições hititas, os fragmentos de Biblos, os caracteres monumentais gregos e latinos são gravados na pedra dura ou, vez por outra, incisos em relevo. A escrita dita cuneiforme da Suméria e da Ásia anterior* era, por outro lado, preferentemente traçada em tabuletas de argila fresca, depois cozidas ao forno. Os mais antigos caracteres chineses são gravados no bronze ou no casco de tartaruga. No tempo de Maomé, os árabes usavam muito ossos de camelo.

O uso de materiais menos duros e perecíveis tem, em geral, dado às escritas formas mais livres e mais cursivas. Foram utilizadas madeira, casca de árvores, folhas de palmeira, tela, seda, peles de animais e tabuletas de cera.

* Antigo Oriente Médio, que abrangia o Egito, a Arábia, a Síria, a Palestina, a Mesopotâmia, a Armênia, o Irã e a Ásia Menor. Foi nessa região que as primeiras civilizações começaram a se formar por volta de 7.000 anos atrás [n. do T.].

A folha de palmeira teve um grande sucesso no mundo indiano. Antes do papel, os chineses utilizaram lâminas de bambu e seda crua. O couro foi também um dos primeiros suportes das escritas árabicas. A Rússia medieval empregava a casca de bétula (descoberta de Novgorod). O uso de tabuletas cobertas com cera, reunidas aos pares, por três ou em número maior (dípticos, trípticos e polípticos), era comum em Roma. Foram recentemente descobertas na África do Norte tabuletas — chamadas tabuletas Albertini, nome do estudioso que por primeiro as estudou — que usavam a própria madeira como suporte para a escrita. Elas datam da época vândala (fim do século V). O uso dessas tabuletas de madeira se mantém até hoje no Marrocos.

O papiro, o pergaminho e o papel são os registros materiais subjetivos da escrita mais comuns desde o princípio de nossa era. O papiro foi utilizado sobretudo na Antiguidade, o pergaminho na Idade Média, o papel, de origem chinesa, foi introduzido no Ocidente através do mundo árabe, a partir do século XI.

A fabricação do papiro foi monopólio do Egito até o século VII. A técnica de fabricação do papiro é descrita por Plínio em sua *História natural*: a matéria-prima era o caule de um junco cultivado no vale do Nilo. As lâminas longitudinais e transversais, coladas com a água do rio, formavam as folhas que eram mandadas ao comércio cortadas em forma de rolo. Era um material bem pouco resistente. Seu uso só foi

abandonado completamente no século XI. Atualmente as descobertas cada vez mais numerosas de escritos antigos em papiros renovam nosso conhecimento do mundo greco-romano e de sua escrita.

A invenção do pergaminho é atribuída pela lenda aos habitantes de Pérgamo, na Ásia Menor (*pergamenum*). A matéria-prima do pergaminho é a pele de cordeiro, de bode ou de veado novo (pergaminho). Trata-se de um suporte tão resistente e liso que a Idade Média o conservou durante muito tempo para os livros e as atas importantes, apesar da concorrência do papel. O mais remoto exemplo de pergaminho escrito é um fragmento, talvez do fim do século I. Seu uso se torna comum no século IV; do século IX ao século XIII foi o material exclusivo para livros e quase o único para legislações. Em épocas de escassez de pergaminho, raspavam-se os livros antigos para transcrever novos textos (palimpsestos).

Veio da China a ideia de fabricar papel a partir de trapos. Os mais antigos documentos conhecidos escritos sobre papel são textos budistas do século II. Samarkanda foi um dos grandes centros da fabricação de papel durante a alta Idade Média. Foram os árabes que introduziram esse material na Europa. O missal de Silos (perto de Burgos) é o mais antigo manuscrito europeu em papel conhecido até o presente (início do século XI). Aliás, a Espanha foi o primeiro país ocidental a ter fábricas de papel. Todos os papéis da Idade Média eram fabricados com trapos de cânhamo e de linho.

Seu defeito era a fragilidade, a falta de flexibilidade e, até o século XIV, o preço de custo relativamente alto. Até o início do século XIX, o papel foi fabricado unicamente à mão sobre uma fôrma. Hoje nossos papéis são tecidos de fibras vegetais das mais diversas proveniências e são fabricados em larga escala.

O suporte da escrita evidentemente reage aos caracteres da escrita; mas, no caso das três últimas substâncias, a forma desses suportes talvez tenha desempenhado um papel na evolução da letra.

O uso do papiro (e do pincel) modificou profundamente o traçado das letras nos antigos alfabetos semíticos. Na China, a descoberta do papel (e do pincel) teve como consequência a transformação dos caracteres, cujo desenho se afastou dos objetos que eles representavam. Discute-se na história da escrita romana se a passagem do rolo (*rotulus*) de papiro ao caderno ou ao livro (*codex*) de pergaminho provocou ou não a grande metamorfose do século III.

O material que serve para escrever teve igualmente, acabamos de perceber, uma importante influência na variação das formas gráficas. Entre as antigas escritas monumentais e os caracteres cuneiformes, de um lado, e as escritas chinesas e ocidentais da Idade Média, de outro, há a diferença de flexibilidade entre o cinzel, o junco cortado obliquamente, o pincel e a pena.

Para falar a verdade, os monumentos epigráficos representam a última etapa, gravada a cinzel e a martelo, de um traçado anteriormente feito a giz,

carvão ou estilete. Desde a Antiguidade romana, para escrever, as pessoas se serviram, excluído o pincel dos chineses, de três instrumentos: o estilo (*stilus* ou *graphium*), haste de ferro ou de mármore com ponta para traçar os caracteres nas tabuletas de cera, o cálamo (*calamus*), junco cortado como nossas penas, que permaneceu em uso até o século XII, e a pena de pássaro (ganso e cisne, sobretudo), afilada e fendida, mencionada desde o século VII por Isidoro de Sevilha. O uso de penas metálicas só se generalizou no século XIX.

A invenção da imprensa, no século XV, e a construção desde então de diversas “máquinas de escrever” substituíram esses instrumentos manuais por meios mecânicos de escrita. Essa revolução, cujos efeitos foram imensos no campo da cultura, teve como resultado, no campo da técnica da escrita, de algum modo, a fixação das formas. No caso da escrita latina, os sinais tipográficos, a despeito da variedade dos caracteres e das pesquisas que eles provocam, reproduzem mais ou menos a “minúscula” carolíngia do século IX.

Por fim, bem mais que os produtos minerais, giz, carvão, grafite, mina de chumbo, a tinta se tornou, desde a Antiguidade, o material comumente empregado para fixar a escrita sobre seu suporte.

Os chineses desde cedo fabricaram a tinta de de fuligem, de cola e de substâncias aromáticas. Os romanos talvez tenham conhecido tintas à base de sais metálicos. As receitas da Idade Média indicam,

em todo caso, composições à base de sulfato ferroso, de noz-de-galha, dissolvida em vinho, e de goma.

Os caracteres das escritas dependem, portanto, desses materiais e instrumentos. Mas para compreendê-los é preciso atentar também para a psicologia dos povos e para os costumes e gestos dos escribas. A esse respeito, temos poucas informações sobre as grandes escritas antigas. As escritas indianas parecem indiferentes ao registro material subjetivo. O exemplo da escrita latina pode dar a entender o que deve ter provavelmente ocorrido em outros casos. Veremos adiante que ocorreu no século III o que Jean Mallon chamou de “a inclinação do papel”: mudança da posição, respectivamente, da “folha” e do instrumento do escriba, mudança de hábito — inexplicável, aliás —, determinantes para a transformação essencial da escrita romana.

Chegamos assim a buscar as noções que é preciso levar em conta para poder conhecer, do ponto de vista gráfico, determinada escrita. Foi o próprio Jean Mallon quem as enunciou, a propósito da escrita latina. São elas, além do registro material subjetivo e das características internas do texto: as formas, o ângulo de escrita, o ducto, o módulo, o peso.

O aspecto exterior das letras são as formas. Em uma mesma escrita, a mesma letra pode tomar ou pode ter formas diferentes. O ângulo de escrita é a posição em que estava posto o instrumento do escriba em relação à direção da linha. Ele pode ser agudo ou, ao contrário, quase reto, e a densidade dos traços va-

riar até a quase inversão. O ducto é a ordem em que os traços foram executados e o sentido em que cada um deles foi feito. Deve-se estabelecer como regra geral que essa ordem permanece imutável, mesmo que um traço venha a desaparecer, visto que o movimento da mão é sempre semelhante a si mesmo. O módulo indica as dimensões das formas, largura e altura, ordem de grandeza por vezes simplesmente relativa. O peso depende do instrumento. Um instrumento leve faz o forte e o fraco se contrastarem, resultando numa escrita que se pode chamar pesada; um instrumento duro não marca quase nenhuma diferença entre os cheios e os soltos e tem como resultado uma escrita suave.

São todos esses elementos que permitem descrever graficamente uma escrita e é mediante seu estudo combinado que os paleógrafos, diz Jean Mallon, “podem esperar distinguir categorias e estabelecer filiações válidas”.

Decifração e estudo das escritas

Essas preliminares sobre as grandes fases do desenvolvimento da escrita, por um lado e, por outro, sobre sua técnica e seus caracteres gráficos levam-nos a perceber de imediato que o estudo histórico das escritas pode ser feito, e de fato o é, segundo dois pontos de vista: o do linguista e o do paleógrafo. Meio de fixação da linguagem, a escrita está evidentemente ligada aos fenômenos que regem

a linguagem. O grande linguista Antoine Meillet faz da escrita o último capítulo de seu programa. As principais histórias da escrita, como a de James Février, são obra de linguistas; os conceitos de escritas sintéticas, analíticas, silábicas, consonantais estão em relação com fenômenos linguísticos. Contudo, uma vez “inventada”, a escrita se torna um desenho que pode ter vida própria, fora da língua da qual é veículo. É quando sua história pode ser um estudo apenas das formas que evoluem em um contexto político, social e econômico. É a concepção da paleografia, não mais no sentido de ciência da decifração das escritas antigas, mas ampliada para a prática hoje desenvolvida pelos manuais e pelos trabalhos mais recentes. Esses dois pontos de vista são, na verdade, necessariamente complementares. O instrumento escrita que parece hoje tão simples entre nossas mãos não pode ser explicado nem perfeitamente compreendido se não for desmontado nesses dois tempos.

Diante de uma escrita desconhecida, o primeiro problema que se depara é o da decifração, que pode se apresentar de várias maneiras.

O caso teoricamente mais simples é o de uma escrita alfabética aplicada a uma língua próxima de um tipo conhecido. Foi assim que H. Bauer, E. Dhorme e Ch. Virolleaud decifraram rapidamente há alguns anos a escrita ugarítica, escrita consonantal, de aspecto cuneiforme, notação de uma língua semítica.

O ponto de partida dessa decifração foi o isolamento da letra L, que exprime, como em hebraico e em árabe, a preposição possessiva. Um grupo de três letras terminado por L e muito frequente nas inscrições, identificado com o nome do deus Bel, permitiu em seguida ganhar dois outros valores. E assim por diante, por hipóteses e fragmentos progressivos, foram descobertos os trinta sinais desse alfabeto.

Se a língua e a escrita forem igualmente desconhecidas, os esforços de decifração podem se tornar muito árduos, salvo na eventualidade de textos bilíngues ou de fragmentos ideográficos que possam servir de chave. Esse último caso é o da escrita cretense.

No caso de uma escrita analítica, a leitura é sempre conjectural, mesmo que as representações ideográficas permitam compreender o texto.

O caso mais comum, talvez o mais fácil, é por fim o de uma escrita que contém uma mistura de caracteres ideográficos e de sinais fonéticos. É o caso das escritas do antigo Oriente Médio, egípcia, sumero-acádica, hitita, e que deu origem aos trabalhos fundamentais de Champollion e dos cientistas decifradores dos caracteres cuneiformes.

O francês Champollion desvendou o segredo dos hieróglifos egípcios em 1822, fundou uma nova ciência, a egiptologia, e estabeleceu um método de decifração das escritas desconhecidas que possibilitou os progressos desde então alcançados.

Antes de Champollion, acreditava-se que a escrita hieroglífica era sintética, isto é, que cada

um de seus caracteres correspondia a uma ideia. A descoberta, em 1799, durante uma expedição de Bonaparte ao Egito, da pedra da Roseta, contendo três versões de um mesmo texto, hieroglífico, demótico (escrita corrente a partir do século VII a.C.) e grego, em honra de Ptolomeu Epífanês (205-181 a.C.), forneceu a chave do sistema. O inglês Young conseguiu ler o conteúdo do “cartucho” que continha o nome de Ptolomeu. Mas a genialidade de Champollion (1790-1832) foi demonstrar pelo raciocínio que os hieróglifos tinham em parte um valor fonético. Convencido, por outro lado, de que a língua copta era o prolongamento da antiga língua egípcia, ele procurou palavras coptas escritas alfabeticamente. As transcrições gregas o levaram enfim à via dos nomes das divindades e dos nomes próprios. Suas transcrições e traduções, feitas com segurança e elegância com base nessas premissas, abriram à história séculos inteiros de civilização até então ignorados.

As escritas chamadas cuneiformes, persas e sumero-acádicas foram decifradas mais tardiamente, graças aos constantes esforços dos cientistas Münter, Grotefend, Rawlinson, de Saulcy, Longpérier e Oppert. Sua leitura estava mais ou menos assegurada por volta de 1855.

Faltou aqui um texto bilíngue como a pedra de Roseta. O ponto de partida foi fornecido pelas inscrições de Persépolis, de época recente, que notava por meio de um alfabeto de cerca de quarenta sinais uma língua indo-europeia. A escrita sumero-acádica foi

de decifração muito mais difícil, pois notavam, para começar, uma língua mal conhecida, com ideogramas, determinativos e sinais silábicos e depois, emprestada, como veremos, por uma língua semítica.

Mesmo depois de feita a decifração, por meio da utilização de recursos da linguística e de um espírito de observação e de engenhosidade, a leitura das escritas antigas é sempre difícil porque apresenta outros problemas de evolução gráfica. É quando intervêm a epigrafia e a paleografia.

A epigrafia é etimologicamente a ciência do que está *escrito sobre*. De fato, ela só se ocupa do que está escrito sobre materiais duráveis; e se ela se interessa pela escrita enquanto tal e estabelece regras que regem a leitura e a interpretação das inscrições é apenas para ir ao texto, propósito essencial de seu estudo, que penetra para além dos mais diversos campos da história.

A paleografia, segundo a etimologia, ciência das escritas antigas, restringiu seu campo durante muito tempo às escritas traçadas sobre materiais perecíveis. Mas, na realidade, ela não pode se desinteressar dos outros monumentos da escrita, o que provoca uma aproximação entre a paleografia e a epigrafia. Ela visa a um duplo objetivo: a leitura prática das escritas hoje fora de uso corrente e o estudo da evolução dessas escritas através dos séculos. Há uma paleografia das escritas orientais. Pudemos recentemente escrever um ensaio de paleografia cuneiforme. Mas o grande campo da paleografia é, pela abundância

de materiais, pelo interesse imediato pelos estudos históricos, filológicos e literários e pela amplidão das questões debatidas, o das escritas gregas e latinas; e, nesse campo, ela se liga estreitamente a disciplinas como a papirologia, a diplomática e a codicologia.

Um método da epigrafia começou a se esboçar na França nos séculos XVII e XVIII, com o padre Sirmond († 1651) e J.-F. Séguier († 1784), e na Itália, com S. Maffei († 1755). Mas foi B. Borghesi († 1860) quem fixou suas regras essenciais. A Academia de Berlim iniciou a publicação de coletâneas gerais de inscrições no século XIX: inscrições gregas a partir de 1828, inscrições latinas a partir de 1863. Os tratados de epigrafia de S. Reinach (1855) e de R. Cagnat (1886) marcaram época no avanço desses estudos. Infelizmente as transcrições do *Corpus* não foram fac-similadas e, por consequência, não são facilmente utilizáveis pela paleografia.

Os fundadores da paleografia foram dois beneditinos franceses da congregação de Saint-Maur: Jean Mabillon († 1707), para a paleografia latina, em seu *De re diplomatica* (1861); Bernard de Montfaucon († 1741), para a paleografia grega, com seu *Palaeographia graeca* (1708). A doutrina foi estabelecida por dom Tassin e dom Toustain em seu *Nouveau traité diplomatique* (1760-1765). Mas os estudos paleográficos avançaram sobretudo na segunda metade do século XIX, com a criação em Paris, em 1821, da Escola de Chartres e com o ensino especializado em Viena (1854), em Florença (1857), em Roma, em

Heidelberg e nas grandes universidades e graças à possibilidade de reprodução fotográfica dos documentos. Esses progressos foram balizados pelos trabalhos e pelos manuais, impossível citá-los todos aqui por seus títulos, de N. de Wailly, L. Deslile, W. Wattenbach, L. Traube, C. Paoli, M. Prou, E. M. Thompson e, mais recentemente, de E. A. Lowe, G. Battelli, J. Mallon, Ch. Samaran e R. Marichal. Contudo, podemos lamentar que a paleografia grega e a paleografia latina tenham sido mantidas a grande distância uma da outra desde sua fundação. Veremos, enfim, que os quadros e as noções tradicionais da paleografia latina, estabelecidos pelos beneditinos, são questionados pela escola paleográfica francesa. O ensino da paleografia continua a ser feito na França pela Escola Nacional de Chartres, mas também é dado na École Pratique des Hautes Études e nas universidades.

A história da escrita tem um campo imenso e muito variado. Quem poderia se gabar de conhecê-la ou mesmo de poder percorrê-la toda? Ela se especializa em múltiplos cantões que limitam com outras disciplinas que suas descobertas quase sempre contribuíram para promover: a assiriologia, a egíptologia, a sinologia, o indianismo, o americanismo, os estudos semíticos e árabes, os estudos antigos e medievais. Mas ela também solicita a colaboração da filologia, da etnologia, da psicologia e da história e serve, por sua vez, a cada uma dessas ciências. A escrita, fundamento da civilização, está no fundamento das ciências humanas.

CAPÍTULO II

AS ESCRITAS NÃO ALFABÉTICAS

A escrita sumero-acádica

A escrita cuneiforme, inventada pelos sumérios, é o mais antigo sistema de escrita que conhecemos atualmente por meio de documentos. O termo “cuneiforme”, que significa em forma de “cunha”, caracteriza seu aspecto exterior anguloso. Seus sinais, impressos, mais que traçados, nas tabuletas de argila com um junco cortado obliquamente segurado com a mão fechada, mais raramente gravados sobre pedra, se apresentam, com efeito, ordinariamente sob a forma de combinações de pregos triangulares. Depois de ter servido de notação à língua dos sumérios que viviam na Mesopotâmia nos milênios IV e III antes de nossa era, essa escrita se propagou em toda a Ásia anterior, onde se tornou o meio de expressão de línguas diversas.

Os sumérios não eram autóctones na Babilônia. Mas o problema de sua origem permanece sem solução: China, Ásia Central, Turquestão, Índia, Cáucaso? Sua língua ainda é mal conhecida

também. Ela nem pertence ao grupo indo-europeu, nem ao grupo semítico. Era uma língua de tipo aglutinante, que compreendia muitos elementos monossilábicos, que podiam se aglomerar ou igualmente servir de sufixo e de afixo. Várias palavras eram homófonas, isto é, pronunciadas da mesma maneira, mesmo tendo sentidos diferentes. Geralmente se pensa que a notação dessa língua coincidiu com a chegada do povo à Mesopotâmia.

Alguns cientistas levantaram a hipótese da origem comum das escritas do mundo antigo: sumério, protoelamita, egípcio, protoindiano, chinês. Outros tentaram descobrir num “protossumério pictográfico” o ancestral de todas as escritas. Não há dúvida, porém, de que há entre elas algumas semelhanças internas. São todas escritas analíticas, “escritas de palavras”. É possível que elas tenham saído de uma mesma ideia; mas, do ponto de vista da forma, é mais provável que cada centro de civilização tenha realizado a ideia dessa escrita por seus próprios meios: a Suméria inventou o sumério, Elam, sua escrita, o Egito e a China, a deles.

A arqueologia distingue no quarto milênio três períodos que correspondem às civilizações dos sítios mais típicos: El’Obeid (a antiga Ur), Warka (Uruk), dividida em quatro níveis, Djemdet Nasr (Kish). Os primeiros documentos escritos pertencem ao nível inferior de Uruk, chamado Warka IV, datável por volta do meio do milênio. Na realidade, a escrita em tabuletas de pedra de argila dessa longínqua e primei-

ra era suméria não era ainda cuneiforme; ela está no estágio semipictográfico em que quase se reconhece nos sinais o objeto representado. Foi progressivamente, no decorrer de um longo período milenar, que a escrita suméria evoluiu para se tornar verdadeiramente cuneiforme por seu aspecto exterior e meio analítico, meio fonética por seu mecanismo interno.

A passagem dos sinais pictográficos de Warka para os caracteres cuneiformes do meio do terceiro milênio, que já não apresenta quase nenhuma relação com seus modelos antigos, explica-se muito bem por razões materiais. Para escrever mais rápido, os escribas inicialmente substituíram os dois instrumentos, cálamo para os traços, cunha arredondada para algumas marcas, cujo emprego é demonstrado pelas tabuletas arcaicas, apenas pelo junco cortado obliquamente que deu desenhos de traços mais pronunciados. Quanto ao mais, para obter, na argila, com um instrumento de borda oblíqua, sinais bem profundamente desenhados e de bordas nítidas resistentes ao cozimento, foi necessário, pela experiência, evitar as curvas e, conseqüentemente, reduzir a grafia a um conjunto de linhas quebradas. Por fim, uma mudança de orientação na posição das tabuletas impulsionou decisivamente essa transformação. Manter a mão obliquamente nas primeiras tabuletas de dimensão reduzida permitiu, com efeito, o traçado vertical dos objetos e favoreceu sua disposição em colunas de alto a baixo. Mas, com as tabuletas maiores que

os escribas tiveram de pôr diante de si, inclinadas em ângulo reto, o desenho dos sinais tornou-se horizontal, e a escrita em linha da esquerda para a direita: mudança que tornou irreconhecíveis os pictógrafos primitivos e disposição mais apta que a precedente à impressão na matéria plástica de caracteres em forma de pregos e de cunhas.

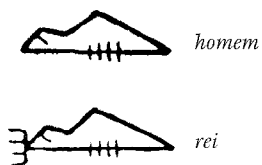


FIG. 1 — USO DO GUNU

A evolução interna da escrita suméria durante o mesmo milênio correspondeu à necessidade de notar a língua sem multiplicar desmesuradamente o número de sinais correspondentes às palavras. A utilização do *gunu* (traços suplementares reforçando a ideia expressa por um sinal: por exemplo, quatro pequenos traços acrescentados ao desenho da palavra *homem* lhe dão o sentido de *rei*) forneceu um meio.



FIG. 2 — AGREGADO LÓGICO

Outro procedimento foi o do agregado lógico (justaposição de dois sinais que exprimiam uma

ideia nova: por exemplo, *mulher* e *montanha*, justapostos, dão o sentido de *escravo*). Os sumérios inventaram também o sistema de determinativos (sinais não pronunciados postos diante das palavras, indicando a categoria a que elas pertencem e, conseqüentemente, completando sua significação própria: por exemplo, o mesmo sinal do arado, precedido do determinativo *homem*, significa o *lavrador*, e precedido do determinativo *madeira*, o próprio instrumento de arar).

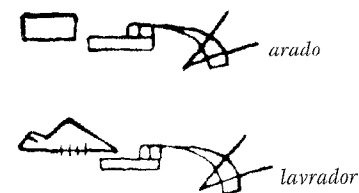


FIG. 3 — DETERMINATIVO

Por fim, a existência de palavras homófonas viabilizou o procedimento do rébus, ou seja, a escrita de palavras novas pela justaposição de sinais dos quais só se conhece o valor fonético.

Se insistimos e demoramos um pouco nessa dupla evolução e nesses procedimentos, é porque eles exemplificam bem o processo geral de fixação da linguagem na fase de transição entre o sistema analítico e o sistema fonético e porque constituem um exemplo concreto, de uma época bem remota, da influência dos materiais, os instrumentos e dos hábitos dos escribas sobre a vida das formas gráficas.

Aliás, veremos que outras escritas analíticas, especialmente a chinesa, empregaram para facilitar sua leitura procedimentos internos análogos.

A escrita suméria, já difícil, foi tomada de empréstimo em meados do terceiro milênio por outro povo que à época vivia na Mesopotâmia, os acádicos, para notar sua própria língua, que era uma língua semítica. Os sinais permaneceram mais ou menos como eram, mas a complicação do sistema tornou-se extrema, pois os mesmos sinais guardaram ao mesmo tempo seu valor ideográfico e seu valor fonético nas duas línguas.

Apesar de suas dificuldades, a escrita sumero-acádica assim constituída teve uma grande difusão em todo o mundo oriental antigo, por ter sido veiculada pela civilização e pelas conquistas das dinastias babilônicas e assírias. Os grandes períodos de sua longa história foram o da primeira dinastia babilônica (séculos XX-XVIII a.C.) e o da dominação assíria (séculos IX-VII a.C.).

A era de Hammurabi, no início do segundo milênio, foi a idade de ouro da literatura em língua acádica e da escrita sumero-acádica cuneiforme. Milhares de tabuletas nos foram transmitidas com textos referentes à vida social, religiosa e econômica, e é sobretudo conhecido o pilar que traz o “código” do grande rei de Babilônia. As ricas bibliotecas dos reis da Assíria, sobretudo a de Nínive, também revelaram quantidades de tabuletas e de inscrições em colunas e prismas. Babilônios e assírios utilizavam

vocabulários que davam a lista de caracteres sumero-acádicos e seus valores. A escrita sumero-acádica tornou-se no segundo milênio a escrita da diplomacia internacional. Por isso encontramos em Tell-el-Amarna, no Egito, a correspondência dos faraós com os reis da Babilônia, da Assíria, dos hititas, e até mesmo com funcionários egípcios, traçada em

	Warka	Djemdet Nasr	Cuneiforme primitivo	Cuneiforme clássico
<i>cabeça</i>				
<i>mulher</i>				
<i>astro céu deus</i>				
<i>sol dia</i>				
<i>peixe</i>				
<i>boi</i>				

FIG. 4 - EVOLUÇÃO DA ESCRITA CUNEIFORME

caracteres cuneiformes acádicos (1405-1352). Mas a conquista persa levou essa escrita a perder hegemonia. Apesar disso, seu uso se manteve na Babilônia até o século I de nossa era.

Os modelos de escrita sumero-acádica que encontramos no quadro acima pertencem aos dois momentos mais característicos de sua evolução gráfica: o estágio cuneiforme primitivo da época das dinastias de Lagash em meados do terceiro milênio e o estágio cuneiforme clássico assírio do tempo de Assurbanipal (668-626).

Os caracteres sumero-acádicos, por vezes ligeiramente modificados, também foram adotados por vários povos da Ásia anterior antiga para escrever suas línguas: o elamita, o hurrita, o urarteu, o hitita.

Uma escrita protoelamita, datada da primeira metade do terceiro milênio, foi revelada por algumas inscrições da região de Susa. Os elamitas, assim como os sumérios, não eram nem indo-europeus nem semitas. Alguns sinais de sua escrita primitiva estão muito próximos da escrita pictográfica suméria; mas é impossível provar seu parentesco. Só na segunda metade do terceiro milênio esse povo abandonou sua escrita indígena para adaptar à sua língua os caracteres sumero-acádicos. Na sequência, essa escrita cuneiforme neolamita se simplificou muito, evoluindo para o silabismo.

A língua hurrita do país de Mitani, na curva do Eufrates, e a língua do país de Urartu, ambas ainda do tipo aglutinante, foram notadas em caracteres

cuneiformes acádicos respectivamente por volta dos séculos XV e IX a.C.

No centro da Ásia Menor, as mais antigas tabuletas do século XV, encontradas em Bogazkeui, trazem também textos em língua não indo-europeia, notada com sinais sumero-acádicos. Mas outras tabuletas posteriores estão escritas em uma língua diferente, o hitita, com os mesmos caracteres. Ora, os hititas eram invasores indo-europeus. Portanto, depois de ter servido para fixar línguas “asiáticas” e semíticas, os caracteres cuneiformes revestiram uma língua próxima ao grego e ao latim.

Veremos adiante que duas outras escritas, a persepolitana e a ugarítica, também eram cuneiformes no aspecto e na técnica, mas com um mecanismo de notação completamente diverso do mecanismo da escrita sumero-acádica.

A escrita egípcia

A escrita egípcia foi também um dos mais importantes sistemas de escrita do mundo antigo. Sob sua forma mais característica e mais antiga, é chamada escrita hieroglífica. Os hieróglifos eram sinais sagrados gravados (do grego *hieros*, “sagrado”, e *glyphen*, “gravar”) que os egípcios consideravam ser a fala dos deuses. Assim como a sumero-acádica, essa era uma escrita de palavras. Porém, mais que a escrita sumero-acádica, ela conservou o uso de sinais

simbólicos falantes e vivos. Contudo, a língua que ela notava, aparentada ao grupo semítico, favoreceu, pelo comprimento relativo de suas palavras, sua decomposição em elementos fonéticos. Seu emprego, em contraste com a difusão dos caracteres cuneiformes, ficou limitado à língua e às regiões egípcias.

Os mais antigos monumentos da escrita egípcia, as tabuletas de Ahâ, o primeiro rei da dinastia tinita, datam do início do terceiro milênio a.C. Inicialmente o sistema apareceu ali completamente constituído por caracteres empregados seja como ideogramas, seja como símbolos fonéticos. A partir da terceira dinastia, a escrita hieroglífica alcançou sua perfeição espetacular e desde então praticamente não variou até o fim de sua utilização no século III d.C.

Essa aparição da escrita coincide com a unificação do Egito por volta de 2900 a.C. Entretanto, observamos em pinturas do período pré-dinástico tentativas rudimentares de notação figurada, comparáveis às escritas sintéticas dos índios e dos esquimós. Mas a passagem desse estágio para o sistema hieroglífico supõe longas etapas que nos escapam por completo. Na questão das origens, duas teses se enfrentam: ou a escrita hieroglífica surgiu por evolução natural dos primeiros esboços pré-históricos locais, ou foi criada em bloco, por imitação de um modelo estrangeiro, importado desde fora. Mas na verdade essas teses não parecem inconciliáveis: se o Egito pré-dinástico conheceu rudimentos de escrita simbólica, a evolução desses

rudimentos para a escrita propriamente dita pode ter sido “precipitada” por alguma influência externa na era da primeira dinastia.

Os hieróglifos geralmente são gravados em pedra. Mas há caracteres, chamados de hieróglifos lineares, pintados a tinta em sarcófagos de madeira ou em papiro, cujo traçado foi simplificado. Os sinais são dispostos tanto de alto a baixo como horizontalmente, bem como tanto da esquerda para a direita como da direita para a esquerda. As figuras normalmente estão viradas para o começo da linha.

O aspecto exterior da escrita hieroglífica, muito próximo do desenho, lhe dá um caráter basicamente decorativo. As silhuetas humanas e animais e os contornos estilizados de plantas e de objetos de suas inscrições oferecem rica matéria para a história da civilização e são mais evocadores que os símbolos abstratos dos sumérios e dos chineses. Apesar das aparências, o mecanismo interno do sistema era muito complicado, pois os sinais, como na escrita sumero-acádica, exprimiam ora uma palavra, ora um som.

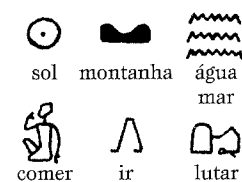


FIG. 5 — HIERÓGLIFOS

Os ideogramas que representam coisas concretas (sol, montanha, água), ações (comer, ir, combater) ou abstrações (o Sul, a velhice) foram vigorosamente defendidos contra a decomposição em elementos fonéticos e permaneceram como a base do sistema.



FIG. 6 — DETERMINATIVO EM EGÍPCIO CLÁSSICO

Os egípcios também fizeram amplo uso de determinativos postos depois das palavras; eles se destinavam a definir o sentido dos ideogramas ou a concretizar o sentido das palavras escritas foneticamente (por exemplo, o “cartucho” oval em torno de um nome indica um nome de rei, ou até mesmo o determinativo *casa* acrescentado à palavra escrita foneticamente *j-s. t* dá o sentido de *palácio*, enquanto o determinativo *homem* acrescido a esta mesma palavra dá o sentido de *grupo de trabalhadores*). Essa notação fonética foi também alcançada pelo procedimento de rébus; mas só conservou das palavras seu “esqueleto” de consoantes. Por intermédio das palavras de uma sílaba, a escrita egípcia chegou também à notação das consoantes isoladas. Ela poderia, desse ponto, ter passado ao sistema alfabético, mas, contida pela fórmula ideográfica, não soube conceber claramente esse progresso.

	'a	águia		h	cordinha
	i, j	folha de junco		h	disco
	'a	braço		h	bastão
	w	codorniz		s	tranca
	b	perna		s'	fio
	p	trança		š	bacia
	f	víbora cornuda		q	triângulo
	m	coruja		k	corte assento
	n	água		t	pão
	r	boca		t	corda
	h	cercado		d	mão
				đ	serpente

FIG. 7 — SINAIS EGÍPCIOS COM O VALOR DE CONSOANTES ISOLADAS

Ao lado dessa escrita monumental, os egípcios empregaram, também desde a primeira dinastia, uma escrita de desenho mais livre e mais rápido para seus usos cotidianos, a escrita chamada de hierática (do grego *hieratikos*, “sagrado”), assim chamada porque ela veio a ser sobretudo a escrita dos sacerdotes em uma época mais recente, na qual acabou por ceder lugar à escrita demótica. Ela era traçada em folhas de papiro, com uma haste de junco flexível, a nan-

quim, orientada da direita para a esquerda. Os sinais hieráticos derivam diretamente dos hieróglifos, por simplificação do desenho e pela acentuação de alguns detalhes característicos. Seu uso se perpetuou até o século III d.C.



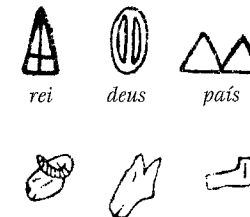
FIG. 8 — SINAIS HIERÁTICOS E DEMÓTICOS

Por sua vez, a escrita demótica (do grego *demos* “o povo”) se constituiu no início do primeiro milênio a.C., a partir da escrita hierática. Seu sistema é o mesmo usado pela escrita hieroglífica, mas sua grafia simplificada para se obter rapidez e suas ligaduras juntando entre si os sinais tornam sua leitura mais difícil. Na época ptolemaica (333-30 a.C.), o demótico tornou-se a escrita da literatura e da administração (a inscrição da Roseta traz, lembremos, uma de suas três versões em demótico). Mesmo que o alfabeto grego também tenha sido usado para notar a língua egípcia, o demótico se manteve até o fim do século V.

As escritas “hitita” hieroglífica, protoindiana e cretense

Simultaneamente à escrita cuneiforme sumero-acádica, outra escrita foi utilizada no império hitita da Ásia Menor e da Síria do Norte, do século XVII ao século VIII. O primeiro nome que ela recebeu, hitita hieroglífica, não é absolutamente exato. Com efeito, seus sinais são muito distintos dos hieróglifos egípcios e a língua que eles notam, mesmo que estreitamente aparentada ao hitita e, como ele, ao indo-europeu, não é a mesma das inscrições hititas cuneiformes. Mas o uso consagrou essa denominação.

FIG. 9 — HIERÓGLIFOS “HITITAS”



A maior parte dessas inscrições “hititas” são entalhadas em relevo ou gravadas na pedra. A direção de sua escrita é geralmente bistrofédica, isto é, alternando da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, ao modo de um lavrador traçando sulcos. O sistema era semi-ideográfico, semifonético, como o das grandes escritas vizinhas sumero-acádica e egípcia. Os ideogramas “hititas”

são, por sinal, muito mais numerosos que os sinais silábicos. Mas, se o aspecto pitoresco dos primeiros às vezes torna seu sentido transparente, o valor do silabar demorou a ser adquirido.

O selo bilíngue, em prata, de Tarkumuva, rei do país de Mera, com inscrição cuneiforme e hieroglífica, extraviou por muito tempo os decifradores que, equivocadamente, aproximaram durante muito tempo a forma acádica do nome do rei ao grego Tarkondémos. As mais belas inscrições “hititas” hieroglíficas foram atualizadas em Karkemish. Além do tipo monumental, essa escrita tinha também um tipo simplificado, atestado pelas tabuletas de chumbo encontradas em Assur. A descoberta, em Karatepe, na Cilícia, de textos bilíngues fenícios e hititas levou a decifração a sua fase definitiva.

As escavações de Mohanjo-Daro e de Harappe, no vale do Híndus, e diversos vestígios na Sindh revelaram a existência de uma civilização protoindiana que se desenvolveu paralelamente às civilizações babilônicas e egípcias, por volta de meados do terceiro milênio antes de nossa era. A mais importante descoberta foi a de numerosos selos ou amuletos de esteatita ou de cobre, decorados com pequenos relevos artísticos, portando, em sua grande maioria, inscrições.

A forma dos caracteres dessas inscrições indica uma escrita analítica. Os sinais representam, rudemente, personagens, partes do corpo humano,

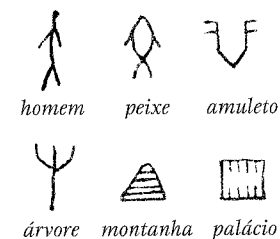


FIG. 10 — SINAIS PROTOINDIANOS

animais, vegetais e objetos. Parece, contudo, que ela também atingiu o estágio fonético.

O problema da decifração da escrita de Harappá se apresentou nas mais difíceis condições: um texto bilíngue, uma língua tão desconhecida quanto os próprios caracteres. Aproximações com a escrita indiana brahmí ou as inscrições da ilha de Páscoa e tentativas de interpretação pelo sânscrito ou pelo dravidiano moderno também resultaram em nada. O estudioso tcheco B. Hrozný, decifrador do hitita, procurou resolver o problema pela comparação com o “hitita” hieroglífico e propôs uma decifração que conclui por uma escrita parcialmente silábica, expressão de um dialeto indo-europeu.

O problema da escrita cretense não é desprovido de analogia com o que precedeu: problema duplamente desconhecido, nos sinais e na língua, cuja solução é tanto mais lancinante quando se sabe, pelas escavações de Cnossos e de outros sítios da ilha, da originalidade dessa civilização do mar Egeu no terceiro milênio e no segundo milênio e

consequentemente de suas estreitas relações com o continente helênico. E de fato A. Evans, o descobridor de Cnossos, fez a distinção entre duas espécies de escrita cretense: uma escrita hieroglífica, empregada no período dito minoico médio (mais ou menos entre 2100 e 1580), e uma escrita linear, empregada sobretudo no minoico recente (1650 a 1200 a.C.).

Os hieróglifos cretenses, arcaicos ou recentes (tipos A e B) só são encontráveis gravados em pequenos sinetes em pedra dura ou entalhados em objetos de argila. Seu desenho é de grande novidade, seja na figuração de seres vivos ou na das coisas. Os sinais lineares, antigos ou recentes (tipos A e B), surgem principalmente em tabuletas ou mesmo em objetos que se encontram não apenas na ilha, mas nas Cícladas e na própria Grécia. Parece até que esses diversos tipos de escrita representam três ou quatro estágios de uma mesma evolução gráfica e igualmente uma evolução interna, visto que o número de sinais foi diminuindo constantemente com o tempo.

Foram feitas várias tentativas de decifração, umas buscando explicar as inscrições em escrita cretense como provenientes da Grécia pelo grego, outras buscando interpretar essa escrita com o auxílio da escrita de Chipre do primeiro milênio, que realmente apresenta semelhanças com ela. Conseguiu-se isolar sinais de numeração, reconhecer facilmente determinados ideogramas, mas houve dificuldade para descobrir o valor de outros

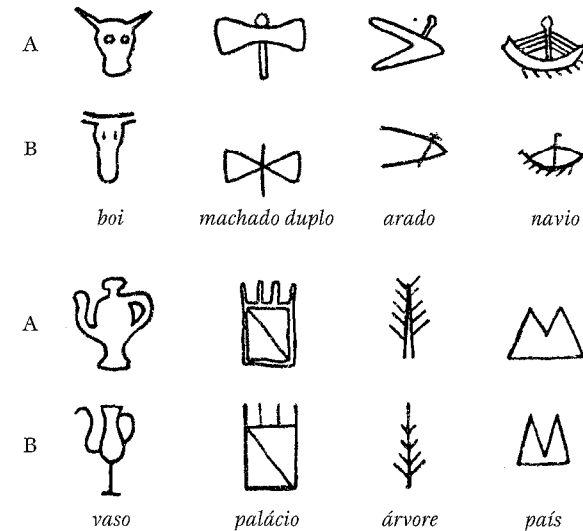


FIG. 11 — HIERÓGLIFOS CRETENSES

sinais. Com efeito, que língua se esconde por trás dessa escrita? Há quem diga que ela não é nem indo-europeia nem semítica; outros se inclinam por um falar indo-europeu. B. Hrozný ainda tentou “vencer o desafio do decifrador”. Mas as construções do estudioso tcheco, baseadas em semelhanças gráficas e na suposição gratuita de que sinais semelhantes teriam tido o mesmo valor fonético de um povo a outro, não despertaram adesão. O princípio de decifração das tabuletas em “linear B”, redigidas em grego, foi estabelecido por Ventris e Chadwick.

A escrita chinesa

A escrita chinesa, até mais que as escritas do antigo Oriente Médio, é o próprio tipo de escrita de palavras. É o único dos antigos sistemas de escrita atualmente em uso. É empregado hoje por um conjunto de povos que representa um quinto da população do globo, e há quatro mil anos sua evolução interna e sua evolução gráfica foram praticamente imperceptíveis.

O conservadorismo dessa escrita se explica pelos caracteres da língua que ela nota e à qual se adaptou perfeitamente. Com efeito, todas as palavras chinesas são monossílabas; não estão sujeitas a nenhuma adjunção de prefixo ou de sufixo; podem ser empregadas tanto como substantivos e adjetivos quanto como verbos. A frase chinesa é apenas uma justaposição de palavras cuja função gramatical é determinada pelo lugar que ocupam. A evolução para o silabismo foi impossível, pois as palavras não podem ser decompostas. Por consequência, a ideografia basta para escrever tudo. O único problema foi encontrar um número de representações figuradas suficiente e de procedimentos para notar cada palavra.

A tradição atribui a invenção da escrita a imperadores mais ou menos lendários, ou aos secretários de um deles, no terceiro milênio antes de nossa era. De fato, os mais antigos documentos chineses escritos só vêm a aparecer na segunda metade do

segundo milênio, sob a dinastia dos Yin. São textos divinatórios gravados em ossos ou em cascos de tartaruga, encontrados perto de Ngan-Yang na província de Honan.

O problema da origem dessa escrita é ainda questão aberta, assim como o das escritas antigas da Ásia anterior. Há quem defenda a hipótese de uma influência sumero-acádica, autorizada com efeito pelas datas e por certas semelhanças. Mas já vimos que é mais apropriado pensar em uma criação autônoma a partir de uma mesma ideia genérica.



FIG. 12 — CARACTERES CHINESES (GRAFIAS ANTIGA E MODERNA)

Até o século III a.C., a escrita chinesa era essencialmente uma escrita de inscrição em casco, bronze e pedra, e seus caracteres de nomes diversos (*kou wen* antes do século VIII, *tcheou wen* depois) tornaram-se pesados e difíceis de traçar. A generalização do uso de pincel e de nanquim no século II a.C. e a utilização de papel como suporte a partir do século I d.C. provocaram uma simplificação das formas e permitiram a constituição de uma escrita mais ágil, embora sempre clara e ordenada. Trata-se inicialmente do *li*, escrita curial quadrada, depois, durante o século IV, do *k'ai-chou*, escrita normal, ainda hoje a clássica. Simultaneamente o lexicógrafo Hiu-Chen ordenava em seu *Chou wen* símbolos e chaves do sistema. Assim a técnica da caligrafia e o mecanismo da escrita chinesa remontam em suas características atuais à época dos Han e das dinastias do Sul do início da Idade Média.

A escrita chinesa está submetida a regras estritas. Seus caracteres são dispostos em colunas de alto a baixo, começando pela direita. Cada caractere deve ser inscrever em um quadrado ideal, com o mesmo módulo, de uma ponta a outra do texto, e os traços devem ser muito exatamente desenhados nele, para evitar confusões.

Os lexicógrafos chineses classificaram os caracteres em seis categorias, que correspondem aos diferentes procedimentos que permitiram a notação da língua com um número de sinais sem dúvida elevado, mas limitado. Às duas primeiras categorias

pertencem os caracteres que representam objetos (*siang hing*, morfogramas), ideias abstratas e ações (*tche tche*, datilogramas). Os ideogramas primitivos são facilmente reconhecíveis. O agregado lógico (*houei yi*), combinação de dois ou três caracteres para exprimir uma nova ideia, já encontrável entre os sumérios, constitui outra classe (por exemplo, dois sinais *mulher* justapostos significam *discussão*; ou ainda a combinação de *boca* e de *pássaro* exprime o verbo *cantar*).



FIG. 13 — AGREGADO LÓGICO

Para aumentar o número de representações figuradas, os chineses usam a inversão de caracteres (*tchouan tchou*) e o empréstimo de sinais homófonos (*kia tsie*). As chaves desempenham ainda um papel semelhante ao dos determinativos sumero-acádicos e egípcios. Hoje, em número de duzentas e catorze, essas chaves não são mais pronunciadas: postas ao lado de outros caracteres, elas definem o sentido

indicando a categoria de objeto ou de ideias que ele representa (por exemplo, o elemento fonético *k'o*, *poder*, precedido da chave *água* significa *ribeirão*; com o sinal *palavra*, ele significa *interrogar*).

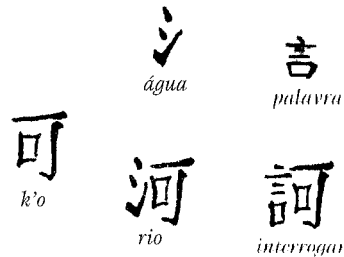


FIG. 14 — USO DE CHAVES

A antiga língua chinesa se fragmentou em múltiplos e bem diferentes dialetos de norte a sul do imenso país. Se os chineses têm em grande consideração sua antiga e complicada escrita, é porque nessa diversidade ela se manteve compreensível à leitura de todos. Com efeito, seja qual for sua pronúncia nos diversos dialetos regionais, os caracteres conservaram em todos os lugares a mesma significação e constituem um verdadeiro “esperanto visual” (B. Karlgren).

No decorrer da história, vários povos vizinhos da China adotaram a escrita chinesa para notar sua língua: coreanos, japoneses e vietnamitas.

Os caracteres chineses apareceram na Coreia no século IV. No século VI, sinais fonéticos foram acrescentados a eles para exprimir mais correta-

mente as flexões da língua coreana. Eles foram substituídos no início do século XV por uma nova escrita, o *pan tchel*, de estrutura silabar.

Também o Japão recebeu sua escrita da China, no século IV. Mas o japonês é uma língua de desinências, cujas palavras têm extensões variáveis. Por isso foi necessária uma adaptação. Dois sistemas foram empregados a partir do século VIII e do século IX: graficamente, um deles, o *kata-kana*, conservou um lado (*kata*) do desenho de sinais do *k'ai chou*. O outro, o *hira-kana*, surgiu de uma escrita cursiva chinesa. Mas, do ponto de vista interno, os dois só mantiveram dos caracteres chineses seu valor fonético silábico. Os japoneses, contudo, continuaram a adotar frequentemente ideogramas chineses, aos quais acrescentaram as posposições e as desinências em *kana*. A escrita japonesa tem, por isso, a aparência externa da escrita chinesa e uma estrutura mista, que se aproxima das antigas escritas do Oriente Médio.

Os vietnamitas notaram sua língua em caracteres chineses a partir do século XIII: os sinais foram conservados com seu valor ideográfico, fossem eles utilizados por seu valor fonético, fossem combinados dois a dois, um indicando o sentido, outro, a pronúncia. Essa escrita, o *chû nôm*, deu lugar dois séculos atrás ao *quôc ngû* em caracteres latinos, do qual falaremos adiante.

Todos os sistemas até aqui estudados, desde a escrita suméria à escrita chinesa, repousavam, ou

ainda repousam, na utilização e no conhecimento de um número de sinais relativamente alto, apesar dos procedimentos inventados para restringi-los. A escrita suméria compunha-se de cerca de vinte mil ideogramas simples ou compostos; a escrita chinesa possui cinquenta mil sinais. Só esses números já dão ideia das dificuldades de manejo desses sistemas analíticos e da necessidade, em todos os casos, de uma caligrafia.

As escritas americanas pré-colombianas

Fora do antigo mundo euro-asiático e mediterrâneo, as civilizações pré-colombianas da América Central também possuíam um sistema de escrita que tendia, parece, quando da chegada dos espanhóis, para a escrita de palavras, sem, contudo, se desfazer completamente da pictografia sintética.

Esse sistema de escrita dos maias e dos astecas representa seguramente um estágio menos evoluído que o das escritas do Antigo Oriente Médio, e deveria ser abordado antes do sistema do Antigo Oriente Médio num estudo da escrita cujo critério fosse apenas linguístico. Mas na história essas escritas pré-colombianas foram um ramo isolado e de aparição tardia, pois suas manifestações só se dão a partir do século III d.C. A conquista espanhola, no século XVI, deteve seu desenvolvimento. Elas são pouco conhecidas e alguns de seus sinais foram decifrados com grande dificuldade.



FIG. 15 — SINAIS MAIAS E ASTECAS

Os maias da Guatemala, de Yucatán e do Baixo México deixaram inscrições em relevo sobre pedra e três manuscritos anteriores à conquista, pintados sobre fibras de *maguey* (agave) sob uma camada de verniz esbranquiçado. Os caracteres desses textos, chamados de glifos pelos americanistas, parecem ser ideogramas. Só se chegou a isolar os sinais dos meses e dos dias do calendário (dezoito meses de vinte dias).

A escrita dos astecas do planalto mexicano só é conhecida por meio dos manuscritos pintados em fibras de *maguey*, em tecido de algodão ou em pergaminho. Nesses documentos, narrativas desenhadas e lendas em caracteres figurados correm paralelamente e se apoiam mutuamente, mas o sentido das frases é vagamente sugerido. Os astecas, no entanto, sabiam manejar o agregado lógico (*água* e *fogo* justapostos exprimem, por exemplo, a ideia de guerra) e o rébus para fazer a notação dos nomes

próprios (assim, o nome do rei Itzcuatl é escrito com o sinal da faca de obsidiana, *itzli*, e o da serpente, *cuatl*). Os sinais do calendário asteca foram decifrados como os do calendário maia.

As escritas silábicas cipriota e persepolitana

Todas as grandes escritas antigas que acabamos de passar em revista, à exceção do chinês, evoluíram para o silabismo a partir de uma estrutura analítica. Em outras palavras, elas buscaram, ao deixar de notar apenas palavras, mas também o som das sílabas, diminuir consideravelmente, de um ponto de vista externo, seu estoque de sinais desenhados. A escrita egípcia até mesmo se aproximou, mediante a notação das consoantes, da forma alfabética, e a escrita japonesa se constituiu pelo empréstimo do valor fonético dos ideogramas chineses. Contudo, ao lado desses sistemas mistos, outras escritas do antigo Oriente Médio, mais recentes, atingiram o estágio do silabismo puro.

A escrita da ilha de Chipre, atestada por inscrições pertencentes sobretudo aos séculos V e IV a.C., é o tipo mais acabado desses sistemas silábicos.

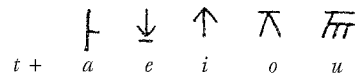


FIG. 16. O SISTEMA SILÁBICO CIPRIOTA.

Essa escrita foi criada para notar a língua cipriota anterior à chegada dos gregos. Seu silabário compreendia apenas cinquenta e quatro sinais, mais alguns até agora não decifrados. As formas desses sinais são puramente lineares, geralmente angulosas, por vezes ligeiramente arredondadas. A direção da escrita é comumente da direita para a esquerda.

Hoje se admite que a escrita cipriota deriva da escrita cretense linear, cujo estágio intermediário era representado pelas inscrições dos cilindros e dos vasos encontrados na ilha, em Enkomi, e que remontavam ao século XV a.C.

A escrita persepolitana, utilizada do século VI ao século IV a.C. pelos reis persas aquemênidas para suas inscrições oficiais, era também uma escrita silábica, ainda que tenha conservado, por um lado, quatro ideogramas e que, por outro, seus sinais tenham tido, ao mesmo tempo, um valor silábico e um valor alfabético.



FIG. 17 — SISTEMA SILÁBICO PERSEPOLITANO

Essa escrita foi revelada sobretudo por inscrições e tabuletas encontradas em Persépolis. Vê-se ali uma criação artificial, ou do tempo de Ciro (c. 550-529), ou do tempo de Dario (521-486). Ela tomou emprestada a forma de seus sinais à antiga escrita cuneiforme babilônia, mas sua estrutura e sua tendência consonantal sugerem uma influência

provável da escrita egípcia e, de todo modo, das novas escritas semíticas ocidentais.

O silabário persepolitano contava apenas trinta e seis sinais, mais os ideogramas para *rei*, *província*, *país* e *Ahura-Mazda* (nome de divindade), e um sinal de separação das palavras. Seus caracteres, em forma de cravos, como os caracteres sumero-acádicos, são muito mais simples que estes. As linhas da escrita são orientadas da esquerda para a direita. Apesar da simplicidade de seu sistema, essa escrita, monumental e estreitamente ligada à sorte de uma dominação política, não teve futuro.

A classificação das escritas nas categorias fundamentais, analíticas, silábicas e alfabéticas, é, na verdade, bem delicada, pois vimos que coexistem em quase todos os sistemas antigos elementos ideográficos e elementos fonéticos. Algum erudito propôs substituir a denominação “escrita de palavras” por outra que ele julga mais adequada: *word-syllabic*, ainda considerando silábicas as escritas semíticas ocidentais que outros já classificam como alfabéticas. De fato, houve uma “época capital em que o silabismo, recém-separado da ideografia, hesitou no limiar do alfabetismo”. Entre as fórmulas que foram então aventadas, algumas fracassaram, um grupo de outras deu no alfabeto.

AS ESCRITAS ALFABÉTICAS

O alfabeto pode ser definido como um sistema de sinais que exprimem os sons elementares da linguagem. A palavra vem do latim *alphabetum*, formado com os nomes das duas primeiras letras do alfabeto grego, *alpha* e *beta*, por sua vez já emprestadas das línguas semíticas. Esta etimologia reporta-se imediatamente ao ambiente de origem desse meio de notação. Quanto ao problema das origens, ele se apresenta, como todas as outras questões relativas à escrita, sob um duplo aspecto: lineamentos e nascimento da ideia de escrita consonantal e alfabética, origem do material gráfico empregado para realizar essa ideia.

As origens do alfabeto

A ideia de escrever as consoantes isoladas aparecera, como já vimos, confusamente aos egípcios. Durante o segundo milênio, essa ideia surgiu também, talvez sob influência egípcia, entre os povos semíticos ocidentais das margens do mar Vermelho e

do Mediterrâneo. As línguas dessas populações, em que a base das palavras é essencialmente constituída por consoantes, facilitaram muito a realização de esforços nesse sentido.

As inscrições protossinaíticas e o material heterogêneo das escritas protopalestinenses recentemente exumadas, escritas cuja decifração está pouco assegurada, mas que se pode crer pré-alfabéticas pelo reduzido número de sinais, dão testemunho dos esforços do mundo siro-palestinense para criar um novo instrumento de expressão gráfica, mais simples que os hieróglifos ou que os caracteres cuneiformes.

As inscrições do planalto central do Sinai, atualizadas por Flibbers Petrie em 1904, são indubitavelmente obra de mineiros semitas a serviço dos egípcios e provavelmente anteriores ao século XV a.C. Não se deve confundir-las com inscrições mais recentes da mesma região, desenhadas por nômades nabateus. Os fragmentos de texto encontrados no início do século XX notadamente em Biblos, em Bet Shemesh, em Gezer, em Tell ed Duweir (a antiga Lakish), e estudados por M. Dunand, R. P. Vincent, J. Obermann e H. G. Grimme, foram aproximados das inscrições protossinaíticas na tentativa de estabelecer uma genealogia do alfabeto fenício.

O elo mais seguro da pré-história do alfabeto é a escrita pseudo-hieroglífica das inscrições de Biblos, descoberta por M. Dunand e decifrada por E. Dhorme.

As inscrições pseudo-hieroglíficas de Biblos, gravadas em pedra ou bronze, são dez ao todo. A primeira foi revelada em 1929. Sua sensacional decifração foi comunicada à Academie des Inscriptions et Belles-Lettres em 1946, depois de sua publicação integral. Elas podem ser datadas do século XV ou do século XIV antes de nossa era.

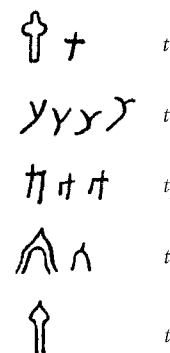


FIG. 18 — SISTEMA SILÁBICO DE BIBLOS

O estudioso decifrador estabeleceu que a língua desses textos é o mais puro fenício. A escrita, apesar do aspecto dos sinais, não recorre a nenhum sistema ideográfico. É certo que o estoque desses sinais é elevado: cento e catorze foram enumerados. Cada escriba tinha a sua disposição mais sinais do que necessário para representar os mesmos sons. Dito de outro modo, seu repertório era um silabário ou “uma espécie de alfabeto pletórico”. Mas esse repertório possui duas notáveis particularidades. Primeiro porque ele oferece o exemplo bastante

singular da passagem de uma escrita silábica para uma escrita alfabética (com alguns escribas frequentemente negligenciando o emprego do sinal próprio à sílaba, para utilizar um equivalente consonantal). Segundo porque o valor fonético de seus sinais é independente de sua origem. Os gravadores de Biblos decidiram que tal figura, de onde quer que a tenham emprestado, representaria tal som: decisão anunciadora, também ela, do alfabeto.

Os escribas de Ugarit chegaram ao mecanismo do alfabeto por volta do século XIV a.C., por diferentes meios. Os achados de Ras Shamra, na costa síria do Norte, que revelaram seu sistema, junto com os achados de Biblos, figuram entre as mais importantes descobertas arqueológicas para a história da escrita. O mérito dessas descobertas cabe a Cl. Schaeffer e a decifração de sua escrita foi feita por estudiosos de que já falamos, H. Bauer, E. Dhorme e Ch. Virolleaud.

As escavações da missão francesa de Ras Shamra começaram em 1929. O sítio, próximo de Lattaquié, é onde se localizava a antiga Ugarit, grande mercado cosmopolita da primeira metade do segundo milênio. Grande quantidade de tabuletas atualizadas fizeram parte da biblioteca de uma escola de escribas. As escavações e os achados prosseguem, mas a interpretação do alfabeto, agora chamado de ugarítico, está estabelecida desde os trabalhos paralelos de E. Dhorme e Ch. Virolleaud em 1930 e 1931.

































	'a		n
	'i 'e		s
	'u 'o		s
	b		c
	g		g
	d		p
	h		p
	w		s
	z		s ou 'd
	h		q
	h		r
	t		?
	y		s
	k		t
	l		t
	m		t

FIG. 19 — ALFABETO UGARÍTICO

A língua de Ugarit se classifica no grupo semítico cananeu. O aspecto de sua escrita é cuneiforme. Mas seus sinais, traçados com o junco de ponta em tabuletas de argila, só têm em comum com os caracteres sumero-acádicos esse aspecto [ser traçados a junco]. Seu desenho muito simples foi uma criação artificial e seu número, apenas trinta, os separa de qualquer sistema analítico ou silábico. Cada sinal faz a notação de apenas uma consoante ou de um dos três sons vocálicos, *a*, *e* e *u*, combinado com o sutil *alef* semítico. Tem-se, então, por conseguinte, um verdadeiro alfabeto consonantal. É uma intuição genial dos escribas de Ugarit: ao modificar a seu modo o tradicional material cuneiforme e reduzi-lo de uma só vez a trinta caracteres, eles “inventaram” a ideia de alfabeto.

Mas é preciso voltar a Biblos para encontrar a série de textos que contêm os rudimentos gráficos da escrita alfabética de que nos servimos ainda hoje. Os mais antigos documentos suscetíveis de datação, a inscrição do túmulo do rei Ahiram, a epígrafe de Asdrúbal e as inscrições de Abibaal e de Elibaal, são anteriores ao século X.

Geralmente a inscrição do sarcófago de Ahiram, descoberta em 1924 por M. Montet, e a de Asdrúbal são datadas do século XIII a.C. As últimas pertencem ao período de 950-900. M. Dunand propôs para duas outras inscrições, as de Shafatbaal e de Abdo, uma data anterior ao texto de Ahiram, que ele por sinal situa por volta do ano 1000. Mas essa

cronologia não alcançou aceitação geral e nada muda no fato geral de que é durante a segunda metade do segundo milênio a.C. que os fenícios elaboraram seu alfabeto.

O alfabeto fenício arcaico possui apenas vinte e dois sinais puramente lineares. Apenas com o auxílio dos sinais consonantais, ele dava a possibilidade de escrever qualquer palavra. Foi essa simplicidade que, com o concurso das circunstâncias históricas, fez sua fortuna.

As descobertas de Ras Shamra e de Biblos confirmam a atribuição da invenção do alfabeto aos fenícios, que o escritor Luciano cantava desde o século II d.C. Os semitas do Norte sem dúvida se inspiraram em um princípio egípcio e sua língua os favoreceu. Mas o cruzamento das civilizações e as necessidades do comércio na costa da Síria, onde os portos de Biblos e de Ugarit eram os entroncamentos do comércio mundial, certamente os impulsionaram a pesquisar uma nova e prática escrita.

Em vista de descobrir a origem da forma material das letras fenícias, todas as hipóteses foram aventadas. Inicialmente tentou-se ligar diretamente essas formas às dos hieróglifos egípcios simples ou às dos sinais hieráticos. Outros estudiosos viram nelas uma deformação dos caracteres cuneiformes, e as descobertas de Ras Shamra deram novo vigor a sua teoria. O antecedente cretense linear também foi invocado, apesar do desconhecimento do lugar de onde provinha essa escrita insular. As

aproximações com a escrita protossinaítica e com as escritas arábicas, de que trataremos adiante, não fazem avançar o problema, pois parece tratar-se de sistemas paralelos ou derivados e não antecedentes. M. Dunand considera que os protótipos das letras fenícias se encontram nos sinais pseudo-hieroglíficos de Biblos e resultam, por intermédio deles, de uma forte influência egípcia. Suas aproximações são contestadas por uns, parcialmente admitidas por outros. Não seria mais simples, diz um último grupo, ver nesses caracteres fenícios uma criação inédita, operação fácil, uma vez realizado o esforço essencial de invenção da notação alfabética? É possível pensar que, para criar seu sistema gráfico, os fenícios inspiraram-se no acervo comum das escritas do mundo oriental e egeu, sem levar em conta o valor fonético dos sinais mais ou menos imitados.

O alfabeto fenício

Desde o século X a.C., a escrita arcaica de Biblos se difundiu amplamente. A escrita paleo-hebraica, que foi a escrita dos reinos de Israel e de Judá até o exílio dos judeus na Babilônia no século VI e que ainda se pode encontrar esporadicamente até o século II d.C., só se destaca da escrita arcaica de Biblos por algumas particularidades gráficas. Mas foi sobretudo Tiro que assegurou, pela atividade de seus navegadores e de seus negociantes e pela

Valor	Abiram	Mesa	Clássico
'(a)	𐤀	𐤁	𐤂
b	𐤃	𐤄	𐤅
g	𐤆	𐤇	𐤈
d	𐤉	𐤊	𐤋
h (é)	𐤌	𐤍	𐤎
w	𐤏	𐤐	𐤑
z	𐤒	𐤓	𐤔
h	𐤕	𐤖	𐤗
t	𐤘	𐤙	𐤚
y	𐤛	𐤜	𐤝
k	𐤞	𐤟	𐤠
l	𐤡	𐤢	𐤣
m	𐤤	𐤥	𐤦
n	𐤧	𐤨	𐤩
s	𐤫	𐤬	𐤭
'(o)	𐤮	𐤯	𐤰
p (f)	𐤱	𐤲	𐤳
š	𐤴	𐤵	𐤶
k	𐤷	𐤸	𐤹
r	𐤺	𐤻	𐤼
š	𐤽	𐤾	𐤿
t	𐥀	𐥁	𐥂

FIG. 20 — ALFABETO FENÍCIO

fundação de suas colônias, a propagação do alfabeto fenício. As inscrições fenícias de Chipre (séculos IX-II) e a escrita da colônia tíria de Cartago na África, chamada de escrita púnica (século IX-146 a.C.), nos transmitiram as formas desse alfabeto assim como os documentos da Fenícia propriamente dita, por sinal muito raros durante a primeira metade do primeiro milênio (estela de Mesa, c. 842).

O alfabeto fenício clássico manteve as vinte e duas letras do alfabeto arcaico. As formas dessas letras gravadas são apenas um pouco mais angulosas e mais delgadas que antes. Além disso, uma escrita cursiva, traçada a tinta em argila ou papiro, aparece no século V a.C., ao lado da escrita das inscrições, com caracteres mais flexíveis, mais alongados e traçados continuamente. A escrita fenícia se apresenta, enfim, sempre em linhas horizontais orientadas da direita para a esquerda.

A ordem e os nomes do abecedário fenício foram conservados pelo alfabeto hebraico. A opinião longamente admitida é que esses nomes derivam da forma dos objetos representados originariamente pelos sinais. Em alguns casos, por exemplo o do *alef*, que parece reproduzir uma cabeça de boi, ou o do *ain*, cuja forma lembra a de um olho, o desenho corresponde ao nome da letra. Mas se, como geralmente se pensa agora, os fenícios criaram arbitrariamente seu sistema gráfico ou o elaboraram inspirando-se livremente em todas as fontes, essas denominações são provavelmente apenas designações ulteriores,

vinculando-se mais ou menos vagamente às formas inventadas.

Feita essa restrição, indicamos os nomes com sua significação ou a interpretação tradicional das letras norte-semíticas:

<i>alef</i>	cabeça de boi
<i>bet</i>	casa ou tenda
<i>gaml</i>	camelo
<i>delt</i>	porta
<i>hé</i>	(desconhecido)
<i>wau</i>	prego
<i>zai</i>	arma ou azeitona
<i>het</i>	cerca
<i>tet</i>	talvez fardo
<i>yod</i>	mão
<i>kaf</i>	palma
<i>lamd</i>	agulhão
<i>mem</i>	água
<i>nu</i>	peixe
<i>semk</i>	peixe também
<i>ain</i>	olho
<i>pe</i>	talvez boca
<i>sade</i>	várias interpretações duvidosas: anca, foice, nariz
<i>qif</i>	macaco
<i>resh</i>	cabeça
<i>shin</i>	dente ou costas
<i>tau</i>	sinal [?]

Os alfabetos reproduzidos na figura 21 correspondem um ao período arcaico do túmulo de Ahiiram

em Biblos, por volta do século XIII a.C., o outro, ao período “clássico” do primeiro milênio (século IX-V).

As escritas aramaicas e o hebraico quadrado

A escrita fenícia foi também adotada desde o século IX a.C. pelos arameus, para notar sua língua de tipo semítico, mas diferente do cananeu. As tribos aramaicas, de início nômades no deserto da Síria, depois fixadas em pequenos estados ao redor de Damasco, Hamat e Alepo, continuaram enfim sob as dominações assíria e persa a fornecer mercenários e auxiliares aos grandes impérios orientais e a assegurar os intercâmbios comerciais ao longo dos itinerários continentais. A difusão do alfabeto fenício, que Tiro assegurou por seus navios, os arameus a realizaram por seu domínio das rotas do Oriente Médio e por meio de suas caravanas.

As monumentais inscrições aramaicas copiam as inscrições fenícias. A escrita cursiva deriva também da cursiva fenícia, mas, traçada sobre folhas de papiro com um cálamo largo e curto, ela se tornou mais pesada e mais rígida que seu modelo. Os mais preciosos documentos dessa escrita são os papiros encontrados em Elefantina, perto de Assuan no Egito, onde um rei estabelecera um colônia militar de sírios e de judeus (século V a.C.).

Depois da conquista de Alexandre, a escrita aramaica, suplantada pelo grego como escrita

administrativa e comercial, se manteve contudo à margem dos reinos ptolemaicos do Egito e dos selêucidas da Síria, fracionando-se em escritas “nacionais”. Citemos aqui também as escritas nabateias e palmirenses, ainda escritas de povos caravaneiros, e a escrita siríaca, que se apresenta a partir do século I d.C. sob várias formas ligadas à história das Igrejas orientais. A cursiva aramaica penetrou, igualmente pela via das caravanas e das missões, na Ásia Central, onde serviu para notar as línguas iranianas dos reinos arsácidas e sassânidas, até o século VII, e o uígur, língua do império mongol, do século XIII ao século XV.

Os nabateus de Petra e de Bostra foram os mestres do comércio entre a Arábia e o Ocidente desde o século II a.C. Eles modificaram a escrita aramaica reunindo as letras umas às outras por ligaduras. O período florescente de Palmira durou do século I ao século III. Sua escrita, sobretudo monumental, muito provavelmente serviu de intermediária entre o aramaico e o siríaco.

A mais antiga forma de escrita siríaca, regular mas também de numerosas ligaduras, leva o nome inexplicado de *estranghelo* (séculos I-V). Em seguida ela se dividiu em *serto* (escrita em forma de “linha”) entre os jacobitas, depois entre os maronitas, e em cursiva nestoriana entre os nestorianos, que a propagaram na Pérsia, e até na China (inscrição bilingue de Si-Ngan-Fu, 781).